

A RAZÃO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Redacção e Administração, Rua de Francisco Aguiar, 4

Guimarães, 23 de Novembro de 1923

N.º 44 do 1.º An

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - E.P.F.

Salvencia

No último número do «Ecos» um «Ego» qualquer, em penadas furibundas, desesperadas, punha tudo de pernas para o ar, assim, à maneira de doido furioso.

Armado em temporal desfeito, o homem derruba tudo e tod'os sem a mínima consideração, sem a mais leve sombra de piedade.

Com um sópre varre o partido Democrático; com outro desconjuncto o dr. A. C.; com mais outro põe o sr. Catanho mais macho que uma... Isma arrapada, e, por fim, zás!

Com a máxima potencia dos seus (dêle) fôles, arruma a República, Democráticos, Afonsistas e o Catanho, para casa do diabo mais velho!

Apre que fura-cão. Passe. Se que não agach... onde estaria também a tais horas?!

Ora vejam como o tal «Ego» acaba o *artigo-tempestade*:

«Faliu o partido democratico. Faliu a Republica. Afonso Costa. Catanho de Menozes. Partido democratico. Republica. Eis os falidos».

Olhe lá o «Ego»; quere que lhe diga quem faliu?

Aniversário

EL-REI D. M.

Fez anos no dia 15 passado o Senhor D. Manuel II. Daquí lhe enviamos os nossos parabens e que esta data se repita por muitos anos e bons e nós que os contemos.

Votos para que regresse à Pátria não fazemos porque, não lhe querendo nós mal nenhum, antes pelo contrario, não o desejaríamos ver de novo na Ericaira... sabe Deus e a lavadeira, em que péssimo estado.

E viva o Senhor D. Manuel II e toda a Ex.^{ma} Família.

Gralhas

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar a rectificação das gralhas que tem invadido as colunas do nosso jornal.

Declaração

Tendo achado ha dias nas colunas do «Ecos» o nome de João de Freitas Costa e Almeida, em absoluto abandono, declaro que estou pronto a entregá-lo à primeira creatura que dêle necessite para baptismo de coisa, pessoa ou animal.

Guimarães, etc., etc., etc..

Bem Ponto.

Assinaí a «A Razão»

Pela politica

E' bem verdade que não está fóra da lógica a chamada do Partido Nacionalista ao poder, que lhe pertencia desde que o Partido Republicano Português se recusou a formar ministério, na crença em que está de que um governo partidário, com um parlamento como o que actualmente temos, não poderá dar solução aos escabrosos problemas que urge resolver; também é verdade que no governo formado pelos nacionalistas se encontram homens que a todos os títulos são dignos da confiança pública. Mas, seja-nos licito ponderar áqueles para quem a Pátria ainda representa alguma coisa de necessário e de superior ás aspirações partidárias, que o problema politico em nada melhorou com a chamada dos nacionalistas ao poder, no momento presente.

Fora dos partidos ha muito tempo, nada devendo à politica e avessos a ídolos, não obedecem as nossas palavras a outro intuito que não seja o de chamar a atenção dos republicanos para o campo falso em que pode collocar-nos a luta já esboçada entre os partidos do Regimen.

Dissimulada agora, não tardará que ela estale brutal entre os contendores, tornando maior essa irreductibilidade tanto para para temer e que por vezes se patenteou durante a anterior situação politica.

Por motivo das dissidencias que vêm esfacelando o velho P. R. P., viu-se António Maria da Silva na contingencia de procurar ou aceitar o apoio da minoria nacionalista; por sua vez, os nacionalistas, hoje no poder, contam com o apoio dos democraticos ou de alguma das correntes de opinião que ultimamente se tem manifestado dentro desse partido.

¿Será justificavel tal confiança?

A nosso vêr e dados os factos conhecidos, não.

Por outro lado, um dos actuais ministros, muito fogoso e muito precipitado nestas lides politicas, já deu margem a azedumes que, a continuarem, bem depressa tornarão o apetecido apoio em rigorosa opposição. E nestas condições o governo ou vai para a dissolução ou se retira.

No primeiro caso, as consequencias são de facil previsão; no segundo que é a melhor das hipoteses, retira-se acusando, isto é avolumando essa irreductibilidade com que só perderemos, e o problema politico, neste como no primeiro caso, agravar-se-ha, trazendo-nos como derivante o forçoso isolamento entre os partidos e a nação.

Mesmo que tudo corra pelo melhor, mesmo que o governo tenha o apoio das opposições, que podemos esperar dêle se vive de balões de oxigénio?

Esse apoio sera condicional, por conta-gótas; sera pautado pelo apoio que por vezes deram os nacionalistas, hoje no governo, aos democraticos que agora estão na opposição.

E, assim, mesmo que tudo corra pelo melhor, teremos um governo de *faz-que-anda*, sujeito aos caprichos de uma opposição que o não ha-de vêr com bons olhos e que a menor caramunha lhe porá no caminho a traiçoeira casca de laranja.

E, contudo, a urgencia dos problemas a resolver é que se não compadec de nós, que vamos pagando — e bufando — todas estas coisas que aos nossos politicos parecerão nicharias, mas que a nós estão custando os *olhos da cara*.

Dr. Pedro Pitta

Na constituição do actual governo entrou como ministro do Comercio e Interino do Trabalho o Dr. Pedro Pitta filiado no partido nacionalista e antigo reconstituinte.

Um monarchico qualquer (que outra politica não pode ter o autor da brincadeira), deu-se ao trabalho de rebuscar o passado politico dos homens, que constituem o actual governo, apresentando-nos o Dr. Pedro Pitta como antigo monarchico, filiado nos franquistas.

Não queremos contestar a afirmação e damos-la até como certa.

O que ninguem poderá provar, entretanto, é que o Dr. Pedro Pitta não seja um dos poucos republicanos, que tem assento no Parlamento.

A coroar a sua actividade parlamentar, exercida sempre no sentido de democratizar a nossa legislação, encontra-se o seu projecto de regulamentação do Habeas corpus, que, tinha sido dado para ordem do dia e tendo entrado em discussão, foi a uma dada altura abafada, certamente,

por aqueles, que julgando-se mais republicanos que o Dr. Pedro Pitta, não passam de autenticos reaccionarios.

Estas palavras são ditas por um republicano radical de sempre, que não tem a honra de conhecer pessoalmente aquele illustre republicano e que apenas o conhece atravez da sua obra, em que aparece nitida a sua individualidade de democrata.

S. G.

Entam-se perigos

No domingo passado, desviado o contacto de fios eléctricos, deu-se uma fusão que resultou em incendio.

Chegados os socorros, a respeito de água... nem nada.

Enquanto se foi procurar empregado da Câmara para abastecer a água, o incendio ia lavrando e só depois de alguns minutos passados, foi que os Bombeiros principiam o ataque.

Ora imaginemos agora que empregado se tinha ausentado. Como remediar o mal?

Indubitavelmente que só havendo uma chave em poder da corporação dos Bombeiros.

¿Porque o não faz a Câmara?

Embora tarde... conheceu-s

Terminou o seu mandato de administrador do concelho o sr. Almeida, de triste memória.

Homem muito pouco diplomata e muito menos senhor de seus actos, durante o tempo que esteve á frente da Administração fez uma figura... que nem para pretos era recmendavel tal administrador.

Largou o cargo, embora com custo, e disse que se alguns erros cometera durante o seu reinado, a sua administração, esses foram praticados pelo pouco conhecimento que tinha do Código Administrativo e alguns dêles (o cúmulo!) pelos muitos ouvintes que dava a quem de administrar nada sabia.

Embora tarde... reconheceu... que isto de administrar de ouvido... não dá resultado algum.

Séparés Mais Toujours Unis

«... a máquina apitou» e tu meu pobre M. Guimarães a apitar ficaste! Adeus oh belos dias — e que dias!, passados, assim aqui na terra natal de D. Afonso Henriques...

Que triste ilusão!...

Lá a levou o... destino, meu pobre M. Guimarães, sem se lembrar que ficarias maluco, sempre com o nome dela na boca á moda de chucha em boca de creança de peito!

E's um pobre selvagem meu M. Guimarães:

Desde que a fugosa máquina se pôs a mexer, ficaste tão parvo, tão tolihu, tão maluco que nunca mais disseste coisa de geito.

E, «desde que a fugosa máquina deu o seu grito de despedida, as feragens gemeram e tu, tomado por essa grande dôr que é a eterna saudade, murmuraste:

«Séparés Mais Toujours Unis!»

Fiquei absolutamente inteirado: Doido varrido!

LÊDE E PROPAGAI

«A Razão»

RIDENDO...

Snr. David Braga

Vou responder á sua carta publicada no «Equus» de 18 de Novembro corrente, desde já agradecido pelo favor da sua verborreia típica e por mais uns minutos de riso que a sua prosa me proporcionou.

E respondo só por um motivo. É que toda a carta tem resposta, quer ela esteja cheia de bitafes quer venha dum mitorde. Não sei se me entende...

Primo: (não confunda com o de Rivera) o snr. David Braga, aprendiz das letras e de tretas, não sabe que isto de escrever para jornais está sujeito a diversos desgostos, quais sejam: a crítica, a censura e o ridículo. Mas eu ensino.

A crítica julga ou opina do merecimento quer doutrinário, quer de estilo, quer das ideias; a censura (não confunda com a crítica de Zoilo) indica as asneiras; finalmente o ridículo pega nos escritos como os seus, põe as mãos na barriga e ri, ri e torna a rir. No seu caso bem sei que mais se devia chorar que rir, porque dá realmente pena o verificar-se que o ensino do português nas escolas que o sr. frequentou não é perfeito, ou que, se o é, os seus professores perderam trabalho, tempo e feitiço.

Secundo: o snr. David Braga diz na sua carta que por não ser cobarde repele o desdenhoso insulto. O snr. mente, e na sua idade qualquer mentira é castigada com palmatória.

Onde é que insultei o snr. David Braga? O que fiz foi o seguinte: li o seu artigo, tornei a lê-lo e disse de mim para mim que ou o snr. queria fazer figura, ou então que estava a chuchar com as tropas.

Saíu certa a primeira hipótese porque o snr. teima nos seus escritos feitos à boca do dicionário, não sabendo adjectivar arranjando neologismos à sua moda e ignorando por completo o que são figuras de retórica e o seu emprego. Bem sei que o snr. não tem a culpa toda, mas olhe que tem alguma. E essa é de não conhecer o instrumento, bufar nêle de tal forma que não sai musica, mas só asneiras. O snr. David Braga não admite interferências nos seus escritos! Apre que é imodestia de mais, e no snr., aprendiz de letras, só revela um pedantismo parvo com pretensões a uma erudição deca.

Tertio: o snr. David Braga mordeu-se com o ridículo em que o meti. Eu não fiz mais que levar para o meu «Ridendo» a súpula das asneiras do seu artigo «Só». Não lhe mexi no escrito nem lho estraguei. Disse, que Deus me defenda até final... Unicamente juntei algumas das asneiras que no artigo saltam e fiz aquela amálgama, que nem ofende, nem ofende, nem censura, e só ridicularisa. Não o insultei. Olhe snr. David Braga, não sou da escola do «Equus».

O snr. é que insulta e é malcreado. E senão vejamos a sua carta. Não será o sr. que me ensinará a defender a Pátria, tanto mais que já o fiz. Não produzo infamias, e se juntar as palermices numa só palermice, é produzir infamias, olhe, vá-se despir.

Com que então despertei-lhe mástima! Cale-se, snr. David Braga, não me obrigue a dizer-lhe coisas, que a pessoas como o sr. se não podem dizer, pois gosam duma impunidade especial.

O snr. chama-me desleal e tudo quanto lhe apetece. O snr. tomou como provocação a que qual quer aprendiz de letras como o snr. só devia tomar como lição. O snr. não tem espelhos em casa, porque senão, não me chamaria pateta. O snr. sim, que devia evitar as suas patéticas, como todas essas do seu artigo «Só». O snr. diz que o escolhi para antagonista!!! Olhe, tenha juízo. Se escolhesse antagonista, nunca escolheria quem como o snr. tanto se presta à gargalhada.

Snr. David Braga já escrevi de mais para o que o snr. merece. Provocou o snr. uma lição que oxalá lhe aproveite. E termino dizendo-lhe:

No snr. David Braga nem vejo um amigo nem um inimigo, mas simplesmente um parvo.

Não lhe procuro a amizade, não lhe temo a inimidade, mas estimarei muito continuar a lêr no «Equus» as suas tremendas parvoíces.

Tableau.

Novembro de 1923.

LÊDECÊ.

Quentinhas

e... bôas!...

É falado á boca cheia,
Mas não sei s'isso é verdade,
Que, mui calva, se meoia,
Cá no burgo, a imoralidade:

Que um recebe mensalmente
Da República a maquia,
Para ter nome presente,
Dar uns vivas á Monarquia,
E ter, anos, o corpo ausente
Da choruda Tesouraria;

Que se os ovos são o horror,
Que as familias traz já mortas;
Dao a culpa o administrador
Que abre os ovos as suas Portas.

Que a luz nossa é um arremêdo,
Uma afronta á população,
Porque ás multas não tem medo,
Que de tudo é cá mandão;
Pois já teve té em segredo,
As da outra vereação;

E se H 2 O no ano,
P' as ossadas é faminta,
Torna culpa o Mariano,
Que a granel a tem na quinta.

O Pregoeiro.

Secção Alegre

Um beberrão teve um dia a infeliz ideia de passar uma corda á volta do pescoço e de se enforçar numa viga do sótão. Morreu, como é de supor e a mulher teve que proceder ás formalidades do enterro.

Foi á igreja e o sacristão disse-lhe que os suicidos não tem direito a cerimonia religiosa. A boa da mulher foi ter com o cura que se esforçou por lhe fazer compreender que seria um exemplo detestavel.

—Ora vamos Snr. cura, insistir a camponesa, faça-me esse favorsinho: é verdade que ele suicidou-se, mas V. S.ª bem sabe que ele não tinha isso por costume.

GAZETILHA

Fábula

Parteiras e mais parteiras
Velaram noites inteiras
A' espera do ministério;
E a politica, a mamã,
De noite 'té de manhã
Num gritar de desintério (1)

E de tal modo gritou
Que toda agente julgou
Ir ver coisa jamais vista!
Vai senão quando, afinal,
Um Phenix Liberal!
Renasce em Nacionalista!

De tal montanha eis senhores
A copia fiel das dôres,
Da espectativa o retrato!
—Tantos ais, tantos gemidos,
Tantos sonhos coloridos
P'ra po...litica dár...rato!

Pirilau.

(1) Desinteria de pranto.

Será possível?

Que um grãulo monárquico, cá do burgo tenha entrada na Repartição de Finanças, como em sua própria casa, dispondo do registo de matrizes a seu belo praser?!

—Que o mesmo senhor saiba melhor o lugar dos respectivos livros e lidar com êles que alguns de direito?!

—Que porisso, o mesmo trunfo se valha de um serviço absolutamente confidencial para propaganda das suas ideias monárquicas?!

—Que o cavalheiro em questão seja recebido, adentro da repartição com todas as deferencias e excepções, parecendo ser quem todo lo manda?!

—Que os republicanos nunca se tenham servido d'estes processos, não por lhes ser impossível, mas porque realmente assim não devam ser?!

—Que nos diz o senhor Secretario de Finanças?

ANUNCIO

Comarca de Guimarães

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª Publicação)

Correm a contar da ultima publicação deste anuncio a citar o interessado Manuel da Silva Pereira, solteiro de maior idade, auzente em parte incerta da povoação de Bandula Africa Oriental Portugueza, para assistire a todos os termos ate final do inventario orfanologico a que se procede por falecimento de seu pai Antonio Pereira Guimarães, casado, morador que foi na freguesia de Creixomil, desta comarca, sem prejuizo do seu andamento. Guimarães, 26 de Outubro de 1923.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Amadeu G. Guimarães

O escrivão do 6º officio,

Agostinho da Costa Oliveira Basto.

Estabelecimento de Fazendas Francas e Mudezas
DE
Matos, Teixeira & C.ª
Só - Praça de D. Afonso Henriques - 88
GUIMARÃES

SHELL
Gasolina
Petroleo
e Oleos

MUTUALIDADE GERAL DE SEGUROS
SÉDE EM LISBOA
6 -- Rua do Largo do Corpo Santo -- 6, 3º
INSCREVENDO-SE
NA

Mutualidade Geral de Seguros
O patronato coloca-se a coberto de todas as responsabilidades da lei de desastres no trabalho, a troco dos menores encargos.
: LUCROS DIVIDIDOS POR TODOS OS SEGURADOS :
QUE SERÃO NO MESMO TEMPO SÓCIOS DA EMPRESA
Director-Delegado em Guimarães:
Miguel Antonio Neves Janeiro.

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES
— DE —
Manoel Jesus de Souza
17, Praça D. Afonso Henriques, 20
GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.